

Port/Post/Doc

Filmes para adiar o fim do mundo

CINEMA

Manuel Halpern

À oitava edição, depois do susto pandémico, o Porto/Post/Doc parece cada vez mais cimentar o seu espaço no panorama nacional enquanto festival de referência, ao mesmo tempo que vai abrindo portas ou chamando a atenção internacionalmente. A direção, comandada pelo ex-Curtas de Vila do Conde Dario Oliveira, parece ter percebido que de nada vale tentar concorrer com o DocLisboa, um festival colossal e enraizado, mas que através de um conceito moderno e bem apurado pode encontrar e marcar o seu espaço. Esse conceito, resumido no nome, está lá desde o início, mas cada vez se torna mais perceptível para o público que comparece em número crescente.

Do conceito faz parte um olhar desimpedido e verdadeiramente moderno sobre os géneros cinematográficos (os territórios de fronteira), a qualidade e diversidade dos filmes selecionados (nunca se ficando pelo óbvio e propondo desafios) e uma adaptação à realidade local e às suas infraestruturas, tirando partido, por exemplo, das instalações do Planetário do Porto para sessões de cinema expandido.

O crescente prestígio do festival mede-se também pela capacidade de convencer produtores relevantes a estreiar lá os seus filmes. E a esse nível há alguns destaques. É o caso de Sergei Loznitsa. O realizador ucraniano, com uma ligação forte com Portugal, mostra no Porto o mais recente dos seus documentários, *Babi Yar. Context*. Um filme interessantíssimo em termos de conceito e impressionante pelo conteúdo. Durante a II Guerra Mundial, foi na Ucrânia, perto da capital Kiev, que decorreu um das mais chocantes chacinas contra judeus. Através de imagens de arquivo, devidamente contextualizadas, o realizador não filma a chacina propriamente dita, mas mostra (para memória futura) tudo em volta: como os alemães foram recebidos na Ucrânia, como os judeus foram tratados. Mais uma obra notável de um dos mais crus e audazes documentaristas europeus da atualidade.

Outro grande destaque é a estreia de *Moby Doc*, documentário realizado pelo próprio Moby, em que percorre a sua própria vida, cheia de altos e baixos, que parte



Destaques do Porto/Post/Doc (Da esq. para a dt.) e de cima para baixo *Manmade*, de Basir Mahmood; *Jane par Charlotte*, de Charlotte Gainsbourg; *All Light, Everywhere*, de Theo Anthony; e *As Filhas do Fogo*, a partir de Pedro Costa



de uma infância difícil para um estrelato ainda mais complexo. O músico americano, que ganhou a alcunha de Moby por ser descendente de Herman Melville, começa por questionar: “Porque haveria eu de querer fazer um documentário sobre mim próprio?” O filme acaba por propor uma reflexão sobre a vida e o sucesso, desfazendo alguns mitos. Moby também se pergunta: “Porque é que quando cheguei ao topo estava mais deprimido do que antes de ter qualquer tipo de sucesso”. O filme faz um percurso mais biográfico que musical e termina, inevitavelmente, com o discurso de Moby ativista dos direitos dos animais.

Este ano um dos grandes destaques é o programa “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”. Partindo de uma frase e um livro de Ailton Krenak, consiste em dois ciclos de conversas e um programa de cinema. Entre outros, vão estar presentes Alvaro Domingues, Rob Hopkins e Selma Uamuss, para debater temas urgentes. E haverá também o ciclo de debates

“Call to Action”, orientado pela Gerador e Divergente com Ailton Krenak (líder indígena e ativista), Truls Lie (jornalista e crítico de cinema na *Modern Times Review*), Marc Bauder (realizador), Ana Milhazes, Elsa Cerqueira e Constança Carvalho Homem (programadora do Queer Lisboa e Porto). No grande ecrã podem ser vistos e debatidos filmes como *Ten Skies*, de Jammes Benning (filme minimalista que também vai ser debatido com Erika Balsom, numa masterclass), *Nuestra Voz de Tierra Memoria y Futuro*, de Marta Rodríguez e Jorge Silva; *A Última Floresta*, de Luis Bolognesi; ou um conjunto de curtas-metragens de Rosa Barba.

Em foco, vai estar a obra de Theo Anthony, um realizador ainda relativamente jovem, com 32 anos, mas que tem ganho protagonismo. A sua obra tem trabalhado frequentemente questões relacionadas com o vídeo e o olhar. É o que acontece no mais recente, que foi selecionado para Sundance, *All Light, Everywhere*, um filme

que parte da videovigilância e a utilização de câmaras pelas forças policiais nos EUA para fazer uma reflexão sobre o olhar e sobre a forma como vemos os outros. Assuntos semelhantes já tinham sido abordados em filmes anteriores, como a curta *Subject To Review*, sobre o sistema Hawk-Eye, o vídeoárbitro do ténis. O realizador estará presente no festival.

Outro realizador a descobrir com espanto e admiração é o paquistanês Basir Mahmood. São obras quase hipnotizantes, fruto de uma década de trabalho, na fronteira entre a videoinstalação e o cinema. Essa sua componente galerística leva o festival a inseri-lo numa sessão com o título “Espaço de Cinema Para o Ar Entrar e Circular”, como que sugerindo que o espectador tem a liberdade de entrar e sair da sala.

Da competição internacional fazem parte 10 longas-metragens, de ficção e documentário, todas elas em estreia nacional, em que sobressai uma variedade geográfica. Encontramos filmes como *I am*

So Sorry, de Zhao Liang; *Looking for Horses*, de Stefan Pavlovic; *Gabi, between ages 8 and 13*, de Engeli Brooner; ou *Eles Transportan a Morte*, de Helena Giron e Samuil M. Delgado.

Em Cinema Falado, uma competição aberta ao cinema lusófono, em que encontramos curtas e longas, maioritariamente de Portugal e do Brasil, com algumas exceções, como *Sycorax*, dos gallegos Lois Patiño e Matias Piñeiro. Podemos ver ou rever filmes como *Distopia*, de Tiago Afonso; *Mudança*, de Welket Bungué; *Hotel Royal*, de Salomé Lamas; *Constelações do Equador*, de Silas Tiny; ou *No Táxi do Jack*, de Susana Nobre. Há ainda a secção Cinema Novo, dedicada exclusivamente a jovens realizadores.

Uma das secções mais apetecíveis do festival é o Trans-mission, que explora a ligação entre o cinema e a música. Além do *Moby Doc*, podem ser vistos filmes como *Don't Go Gentle - A film about IDLES*, de Mark Archer; *Freakscene - The Story Of Dino-saur Jr*, de Philipp Reichenheim; *Karen Dalton: In My Own Time*, de Richard Peete e Robert Yapkowtiz; ou *Laurent Garnier: Off The Record*, de Gabin Rivoire. Também passa no festival, numa sessão especial, *Jane par Charlotte*, registo do encontro de Charlotte Gainsbourg com a sua mãe, Jane Birkin.

Dentro das sessões especiais, algumas das mais interessantes propostas do festival. É o caso de *As Filhas do Fogo*, espetáculo a partir de Pedro Costa, com Os Músicos do Tejo. Também *Maria do Mar*, o clássico de Leitão de Barros, musicado ao vivo pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa e o piano de Pedro Burmester, sob a direção musical de Vasco Pearce de Azevedo. E ainda *Eunice ou Carta a uma Jovem Atriz*, de Tiago Durão; *Do Bairro*, de Diogo Varela Silva; ou *Arte da Memória*, de Rodrigo Areias.

Do Porto/Post/Doc ainda fazem parte outros programas, como sessões a pensar em famílias e escolas, outra de artistas emergentes, o cinefiesta (só com cinema espanhol), além de uma parte reservada apenas para a indústria. Olhando para a programação do festival até se consegue acreditar um bocadinho que o cinema pode adiar o final do mundo. ■